

ESCUA-FLÂNERIE EM UM COLETIVO DE MULHERES DA PERIFERIA

Direitos Humanos e Justiça

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

BROCHETTO, A¹; GIANEZINI, C²; BRITZ, E³; RANCICH, J⁴; PERRONE, C⁵

RESUMO

Em vista das evidentes marcas da violência na vida cotidiana em comunidades periféricas é imprescindível que sejam articuladas novas estratégias de enfrentamento a este fenômeno. Essas estratégias podem produzir lugar para potentes espaços de escuta e produção do comum. Este trabalho de extensão universitária tem como objetivo atender a demanda de escuta apresentada por um Coletivo de mulheres periféricas da cidade de Porto Alegre/RS e sua luta na reivindicação de direitos comunitários, em prol da redução do impacto à violência. A narrativa central deste coletivo de mulheres é constituída pelo debate acerca da saúde mental e a produção de laços de coletividade. A violência contra mulheres e crianças na comunidade tornou-se uma questão norteadora para a organização política do coletivo e agora torna-se também uma questão para o NUPEEC - Eixo 3/UFRGS, cuja produção teórica se sustenta nos pressupostos da teoria psicanalítica, na metodologia da *escuta-flânerie* e suas implicações para a dimensão ética e política da escuta no laço social. O coletivo constitui-se como um campo em constante construção, uma vez que a intervenção psicanalítica opera a partir da experiência dos sujeitos. O projeto está em fase inicial, com as primeiras visitas ao Coletivo: um tempo de estabelecimento de transferência de trabalho e de recolhimento de questões no campo. Trata-se, portanto, de comunidade confrontada em seu cotidiano por uma "guerra urbana" e pelo abandono do Estado em legítimos tempos sombrios, constituidora de laços de coletividade.

Palavra-chave: Psicanálise, Escuta-*Flânerie*, Violência, Mulheres, Política, Coletivo.

¹ Augusto Brochetto, UFRGS (Aluno de Graduação em Psicologia)

² Caroline Agostini Gianezini, UFRGS (Aluna de Graduação em Psicologia)

³ Eduardo Bayon Britz, UFRGS (Aluno de Graduação em Psicologia)

⁴ Juliana Martins Costa Rancich, UFRGS (Mestranda em Psicologia)

⁵ Cláudia Maria Perrone, UFRGS (Servidora Docente, Coordenadora)

1 INTRODUÇÃO

A extensão universitária é um dos pilares do ensino superior e constitui um dos canais que a universidade tem para promover a divulgação e troca de conhecimento com a comunidade. A presente ação de extensão é um projeto do NUPPEC Eixo-3: Psicanálise, Educação, Intervenções Sociopolíticas e Teoria Crítica, e coordenado pelas Prof. Cláudia Maria Perrone e Rose Gurski. A atividade está vinculada ao projeto de pesquisa intitulado “A onipolítica em construção em tempos de pandemia”, cujo objetivo é acompanhar processos de formação do dizível, que traçam novas posições do sujeito/enunciação e redistribuições do público e do comum para a produção de saúde mental. Este projeto consiste em uma intervenção junto ao Coletivo Preta Velha, que tem como sede o prédio de uma antiga escola estadual na Vila Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre. Para tanto, é utilizado um dispositivo de intervenção psicanalítica chamado *escuta-flânerie*. A demanda de atenção foi realizada pelo Coletivo, que buscou parceria com a universidade para escuta das mulheres que frequentam o espaço com seus filhos.

A proposta é trabalhar com as mulheres que constituem o Coletivo Preta Velha, como espaço de criação de um comum, operando na criação de políticas de vida, fortalecimento de laços comunitários que vetorizam possibilidades de desejo e de futuro para a comunidade, no enfrentamento das políticas de morte que atravessam territórios vulnerabilizados em geral, com déficit de políticas públicas (Mbembe, 2018). Assim, a reivindicação e ocupação da escola com a criação do Coletivo se constitui não somente como um movimento de criação e oposição à necropolítica, mas também representa uma luta de mulheres contra todo e qualquer tipo de violência promovida naquele espaço. O coletivo de mulheres tem como proposta a luta pelos direitos do povo da periferia e se estruturou para ocupar os prédios da principal escola de ensino fundamental da comunidade, que foi fechada em 2018 sob a justificativa do baixo nível de matrículas.

A instituição também é importante constituinte de subjetividade para comunidade, e as várias gerações de indivíduos que vivem no local estudaram na escola e estão atravessados pelo prédio e seu significante. Um ano após o fechamento da escola, a construção foi tomada pelo tráfico e passou a ser utilizada como “quartel”, motel, e moradia para usuários de drogas. Muitos utensílios e materiais foram roubados e o prédio foi depredado. O ponto crítico que deu início ao

processo de ocupação do local foi o aparecimento de um corpo morto em uma das salas, movimentando a comunidade.

A organização do Coletivo operou ao redor dos significantes: violência, mulheres e crianças. Em torno desse ponto, as mulheres tornam o enfrentamento da violência, confinada à vida privada, uma questão de vida pública, para pensar e organizar uma política de vida contra as políticas de morte do capitalismo neoliberal.

2 METODOLOGIA

A metodologia de trabalho é a *escuta-flânerie*. Na posição de *flâneur* de Walter Benjamin e Charles Baudelaire, o pesquisador busca oferecer caminhos para que uma fala livre evoque o surgimento de narrativas e possibilidades que partam do sujeito (Gurski, 2008). O dispositivo metodológico da *flânerie* fornece condições para o pesquisador permitir-se na experiência do imprevisível e trabalhar a partir dela (Guski & Perrone, 2020). A partir dessa percepção dos “restos” narrativos, essa metodologia de escuta permite a inclusão dos efeitos do inconsciente na estruturação de fenômenos sociais.

O projeto é relevante ao buscar atender a demanda das mulheres do coletivo e suas narrativas de sofrimento associadas ao momento pós-pandêmico e à conjuntura sócio-política-econômica, que não pode ser reduzida à causalidade biológica-psiquiátrica. Trata-se do trabalho de escuta e intervenção frente à dimensão sócio-política do sofrimento.

Como o projeto está em seu pleno exercício, a análise do resultado não está finalizada. As atividades oferecidas à comunidade estão em construção e, no momento, está em finalização uma cozinha comunitária. Já existem aulas de defesa pessoal, atividades de produção de cidadania, aulas de reforço para crianças e um brechó comunitário. É importante destacar que as fundadoras da ocupação são ex-alunas da antiga escola estadual que funcionava no prédio hoje ocupado pelo Coletivo e uma agente de saúde aposentada foi homenageada com o nome pelo qual é conhecida: *Preta Velha*. A nomeação também é uma marca de respeito à ancestralidade, elemento importante da cultura afro, o que coloca essa relação espaço-comunidade como importante variável avaliativa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trata-se de um campo em constante construção, uma vez que a intervenção psicanalítica opera a partir da experiência dos sujeitos. O projeto está em fase inicial, com as primeiras visitas ao Coletivo, um tempo de estabelecimento de transferência de trabalho e de recolhimento de questões no campo. Já entendemos que será necessário a associação com os cursos de Educação e Serviço Social para a continuidade do trabalho. Considerando a demanda apresentada pelas mulheres e o início da escuta, o resultado esperado com o projeto de extensão é a melhora do sofrimento psíquico das mulheres do Coletivo e a consolidação dos laços sociais da comunidade. Além disso, espera-se ampliar a sensibilidade de escuta e preparar os extensionistas para o trabalho de atenção às comunidades periféricas, frente às dinâmicas sociais que constituem esse sofrimento psíquico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto de extensão acompanha o trabalho do Coletivo por modos de vida mais democráticos e emancipatórios, contribuindo com a ética da Psicanálise e sua possibilidade de intervenção extramuros da universidade. Trata-se de comunidade confrontada em seu cotidiano por uma "guerra urbana" e pelo abandono do Estado em legítimos tempos sombrios. Sublinha-se a responsabilidade da implicação da universidade pública com o cuidado da população, e com criação de comum, como política emancipatória na direção de melhores condições de vida para todos

REFERÊNCIAS

Gurski, R. (2008). ***Juventude e paixão pelo real: problematizações sobre experiência e transmissão no laço social atual.*** Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Gurski, R. & Perrone, C. (2020). ***Do ensaio flânerie à escuta flânerie: contribuições ao campo das pesquisas em psicanálise e (sócio) educação.*** In: Vontolini, R. & Gurski, R. (Orgs). *Retratos da pesquisa em psicanálise e educação.* São Paulo: Contracorrente.

Mbembe, A. (2018) **Necropolítica.** N-1: São Paulo.